

SIMPÓSIO AT127

O ITEM LEXICAL PROSTITUTA NA OBRA DE JORGE AMADO: Uma análise léxico-semântica

Tadeu Luciano Siqueira ANDRADE

Universidade de Brasília /Universidade do Estado da Bahia

tadeu.luciano@bol.com.br

Resumo

O léxico de uma língua está associado à cultura de um povo. Por essa razão, não podemos fazer análise léxica sem contextualizar a língua em um determinado espaço temporal e geográfico. A linguagem das obras de Jorge Amado retrata a vida cotidiana de seus personagens, considerando sua condição social, política e cultural e ainda os contextos de fala. O objeto dessa pesquisa consiste na análise descritiva dos diversos itens linguísticos usados com referência ao termo prostituta em duas obras amadianas: *Gabriela Cravo e Canela* e *Tieta do Agreste*. Nessas obras, as mulheres da vida desempenham papel importante. Adotamos os pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa bibliográfica, usando dicionários etimológicos e estudos socioantropológicos de obras literárias numa perspectiva da semântica léxica, não considerando apenas a linguagem literária. Os resultados, ainda que parciais, oportunizam dados importantes para um estudo sociolinguístico e léxico dos nomes atribuídos às prostitutas, desmitificando os estereótipos dados à linguagem amadiana.

Palavras-chave: léxico; linguagem; prostitutas; semântica; sociolinguística.

Abstract

The lexicon of a language is associated with the culture of a people. For this reason, we can not do lexical analysis without contextualizing the language in a given time and geographical space. The language of the works of Jorge Amado portrays the daily life of his characters, considering their social, political and cultural condition and also the contexts of speech. The object of this research is the descriptive analysis of the various linguistic items used with reference to the term prostitute in two Amadian works: *Gabriela Cravo and Canela* and *Tieta do Agreste*. In these works, the women of life play an important role. We adopted the theoretical-methodological assumptions of bibliographic research, using etymological dictionaries and socio-anthropological studies of literary works in a lexical semantic perspective, not considering only the literary language. The results, although partial, provide important data for a sociolinguistic and lexical study of the names attributed to prostitutes, demystifying the stereotypes given to the Amadian language.

Keywords: lexicon; language; prostitutes; semantic; sociolinguistics.

Considerações Iniciais

O léxico de uma língua apresenta uma diversidade de itens lexicais com um só significado. Isso ocorre graças ao poder criativo dos falantes e aos processos semânticos que ampliam o léxico. Por isso, essa diversidade de termos para um significado está

relacionada com a literatura, a cultura, a história de uma determinada comunidade. Como léxico é o acervo da língua, seus elementos relacionam-se com a história e a cultura dos falantes daquela língua, uma vez que a constituição lexical é consequência das formas de vida e visão de mundo do povo que dá nome às coisas e as ações a partir do seu *modus vivendi*. As palavras na dinâmica da língua surgem, assumem outros significados a partir de um determinado contexto, podem desaparecer ou passar por uma mutação semântica. Destacamos, como exemplo, a palavra *puta*, do latim *putus*, a, um, significava menino, adolescente. No século XII, já apresentava o sentido de prostituta. Atualmente, o termo *puta* está passando por uma extensão semântica, assumindo outros sentidos, como na expressão superlativa, *fui a uma puta festa, fiquei puto da vida*, e na frase feita *puta que pariu* assume um valor interjetivo. A carga semântica da palavra *puta* já não está presente em certas situações e contextos. (LIMA, 1996, 16).

A ampliação lexical de uma língua se dá tanto por processos sintáticos quanto semânticos. Esta comunicação analisa, do ponto de vista semântico-lexical, as diversas denominações dadas por Jorge Amado ao item lexical *prostituta* nas obras *Gabriela Cravo e Canela* e *Tieta do Agreste*.

1. Por que analisar o item lexical *prostituta* na obra de Jorge Amado?

No Discurso de Posse na Academia Brasileira de Letras, Jorge Amado disse:

Com o povo aprendi tudo quanto sei, dele me alimentei e, se meus são os defeitos da obra realizada, do povo são as qualidades porventura nela existentes. Porque, se uma virtude possui, foi a de me acercar do povo, de misturar-me com ele, viver sua vida, integrar-me em sua realidade. (AMADO, 1981, p. 12)

Com essa epígrafe e pelo o fato de Jorge Amado ser considerado um escritor de *putas e vagabundos*, justificamos por que escolhemos a obra amadiana para analisar o item lexical *prostituta*. Tal atributo parece ordenar de forma tão coerente a trajetória de Jorge Amado, como defendeu Antônio Candido, a obra de Jorge Amado forma um cenário de poesia e luta do trabalhador, consiste “numa ida ao povo”. Como bem definiu Silva Elia: “a vida trágica e sem esperança de todos os marginalizados, trabalhadores de enxada, crianças abandonadas, curandeiros, prostitutas constitui o pano de fundo de suas narrativas polêmicas e sectárias”. (ELIA, 1974, p. 195).

Nas obras a serem analisadas nesse trabalho, as personagens femininas são vistas em uma relação antagônica. De um lado, há as mulheres excluídas da sociedade que, lutando pela sobrevivência, recorrem à prostituição e enfrentam os estigmas sociais. Do outro, estão aquelas submissas aos esposos e aos dogmas da sociedade.

Jorge Amado deu voz e vez aos vagabundos, às prostitutas, aos trabalhadores do cacau, aos saveiros, aos negros, aos meninos de rua, as mães de santo e aos filiados ao candomblé, em choque com a religião oficial (CUNHA, 2002).

O próprio Jorge Amado reconhece que em suas obras buscou retratar a vida dos bêbados, das prostitutas e dos vagabundos. “Cada vez mais estou perto do povo, do povo mais pobre explorado e oprimido” (AMADO, 1981, p.51).

2. A Pesquisa no *Corpus*:

2.1. *Gabriela Cravo e Canela*: da Intendência ao Cabaré

O romance *Gabriela Cravo e Canela*, publicado em 1958, retrata a sociedade de Ilhéus, região cacauzeira da Bahia. A história se passa no ano de 1925 e narra episódios que caracterizam os costumes da sociedade da época. Por isso, recebeu o nome de crônicas de costumes. A vida pacata, diante do progresso trazido pela expansão da economia cacauzeira, aos poucos vai se transformando. Gabriela, fugindo da seca, chega a Ilhéus e torna-se cozinheira do árabe Nacib, dono do bar Vezúvio, por quem se apaixonara. As noites são regradas às festas, jogos e às prostitutas do Bataclã, comandado por Maria Machado e frequentado pelos coronéis do cacau, que deixam suas esposas em casa ou nas igrejas, vão se divertir com as “meninas” de Maria Machado. Na vida política, destacamos Mundinho Falcão, um jovem carioca que emigrou para Ilhéus, enriqueceu como exportador, planejando desenvolver a cidade, visava a derrotar o poder político do coronel Ramiro Bastos, intendente. Em meio à disputa política entre Mudinho Falcão e os Bastos, a narrativa apresenta cenas de crimes passionais, a exemplo do assassinato praticado por Coronel Jesuíno Medonça contra sua esposa, Dona Sinhazinha Guedes, e o dentista Osmundo Pimentel, a exuberância dos seios de Glorinha expostos na janela, afrontando as senhoras ilheenses, a vida das moças do Bataclã e de outros cabarés da rua do Sapo. Um dado curioso em Gabriela são as denominações para as prostitutas. Enquanto as do Bataclã eram chamadas de *moças* ou *meninas* de Maria Machado, as dos cabarés da rua do Sapo, eram chamadas de *raparigas*, *mulheres de vida fácil*, *putas* entre outros. Havia uma separação entre as prostitutas. As moças do Bataclã atendiam aos coroneis do cacau por apresentarem mais condições financeiras. Enquanto as mulheres dos cabarés da rua do Sapo atendiam aos jagunços ou trabalhadores do cacau. Em *Gabriela, cravo e canela*, encontramos as seguintes expressões e palavras usadas com referência às *mulheres da vida*.

Andrade (2002), analisando o romance, catalogou lexias simples e compostas:

- a) Lexias simples: *puta, quenga, manceba, negrinha, prostituta, sirigaita, caboclinha, filial, cabrocha, rapariga.*
- b) Lexias complexas ou perífrases léxicas: *mulheres públicas, rameira da mais baixa extração, mulher de má vida, mulher da vida, mulher do cabaré e mulher dama.* A perífrase lexical *mulher de vida fácil* não foi citada na obra, apesar de ser comum o uso dessa expressão.

Pela análise semântica da obra, podemos atribuir alguns significados para os termos. Por exemplo: *mulheres públicas*: eram as mulheres que ficavam nas casas de prostituição, como se fossem propriedades dos homens; *Rameira da mais extração*: a mulher mais vulgar entre as rameiras. São as *calçadeiras* (SARAIVA, 1988, 43), ou seja, a mulher que sai durante a madrugada para procurar homens: “fora visto tarde da noite por uma rameira da mais baixa extração. Ela vinha do Bate-Fundo” (AMADO, 2001, p.10). O termo *rameira* provém da palavra ramo+eira (sufixo de profissão). Essa denominação se justifica pelo fato de que, durante os séculos XV e XVI, em Portugal, os locais que tinham mulheres disponíveis para serviços sexuais remunerados costumavam colocar na porta, ramos de árvores. A expressão *mulher da vida* pode ter relação semântica com a lexia *fazer vida*. Talvez essa seja a explicação para a lexia *mulher da vida*. A expressão *mulher de má vida* apresenta a mesma carga semântica, porém, mais preconceituosa que as demais lexias. Há ainda outras expressões, como *mulher dama* (AMADO, 2000. p. 362) e *mulher do cabaré* (AMADO, 2000, p. 71). Esta lexia era usada pelos coronéis quando se referiam às mulheres que ficavam apenas no Bataclan, a exemplo de Risoleta, Zarolha, Mara entre outras (ANDRADE, 2003). No enredo do romance, Jorge Amado apresenta significados para algumas mulheres. Andrade (2003) analisa algumas passagens do romance:

Sirigaitas: mulher que explora o homem para ter boa vida. “Não é dessas *sirigaitas* que só pensam em cinema e em dança.” (AMADO, 2000, p.52). (os destaques são nossos).

Filial: mulher de “cama e mesa”. Podemos fazer referência à Glória, chamada de rapariga de casa montada do Coronel Coriolano. “Na casa onde residia Glória – nunca deixara de ter o coronel de ter *rapariga de mesa e cama*. Por vezes, ao chegar da fazenda, era para a *filial* que se dirigia.” (AMADO, 2000, p.103, grifos nossos).

Caboclinhas: mulheres humildes que ficavam nas casas das rameiras, ou seja, pobres. Na novela *Gabriela Cravo e Canela* (1975) as *caboclinhas* eram as menionas prefiletas

por Dr. Maurício Caires. “Preferia (...) as *caboclinhas* humildes nas casas das *rameiras*, nos povoados.” (AMADO, 2000: 14, grifos nossos).

Cabrochas: eram as mulheres mais novas. “Essas *cabrochas*, mulatinhas no verdor dos anos que o tratavam como se ele fosse um rei.” (AMADO, 2000, p 103, grifos nossos).

2.2. *Tieta do Agreste*: Das dunas de Mangue Seco ao refúgio dos Lordes em São Paulo: Em *Tieta do Agreste* (1977), o ambiente é uma cidade do interior, fronteira Bahia com Sergipe. *Tieta* ou Pastora de Cabras é expulsa de sua cidade, quando adolescente, pelo pai, fixa residência em São Paulo, prospera na vida, tornando-se dona de um famoso bordel. Após certo tempo, *Tieta*, rica e poderosa, retorna a Sant`Ana do Agreste. No enredo, encontram-se contradições, avareza, hipocrisia, arcaísmos e modernidade, progresso e atraso. A prostituta, por não se adaptar aos padrões sociais da época, é excluída. Em *Tieta do Agreste*, há a mesma distinção para as prostitutas que em *Gabriela Cravo e Canela* e também a referência às casas de puta. Na casa de Zuleika Cinderela, as mulheres da vida são tratadas de *putas* ou *raparigas*. No recanto dos Lordes – São Paulo, as mulheres eram denominadas *meninas* ou *garotas* e atendiam aos empresários e políticos frequentadores. O espaço social influencia na demonimação, conforme observamos nos fragmentos:

“Onde na Casa de Zuleika Cinderela, é apenas um puteiro e nada mais”. (AMADO, 2000, p. 268). “O jovem parlamentar faz um gesto, as *meninas* levanta-se nuas e obedientes.” (AMADO, 2000 p. 268, grifos nossos).

Zuleika era responsável pelo “batismo” dos adolescentes de Sant’Ana do Agreste nos cabarés. Enquanto, *Tieta* em São Paulo agenciava um refúgio de prostituição, chamado *Recanto dos Lordes*, onde as meninas satisfaziam necessidades sexuais dos empresários, políticos e outros homem da alta sociedade.

Em *Tieta do Agreste*, coletamos as seguintes lexias para se referir ao termo prostituta:

- a. Lexias simples: *rapariga, quenga, puta, concubina, rameira, prostituta, amásia, menina, garota*.
- b. Lexias complexas: *mulher da vida, mulher dama, quenga de mais baixa extração, meretiz de baixo preço, puta sem rival*.

Entre essas denominações, pela leitura do romance, há indícios que nos levam a diferenciar os termos: *concubina*: a puta de casa montada, puta de um homem só, denominada de *teúda* e *manteúda*. A *puta sem rival* era ingênuo, como Astrud, casada,

“já de menino e ainda escrevendo cartas para amor para Ascânio” (AMADO, 2001, p. 86, grifos nossos). Em relação às lexias *quenga de mais baixa extração, meretiz de baixo preço* há o mesmo sentido atribuído a *rameira da mais baixa extração* em *Gabriela Cravo e Canela*. Em *Tieta do Agreste*, constatamos que há mais lexias usadas para se referir ao item *prostituta* do que em *Gabriela Cravo e Canela*. Os itens *puta* e *rapariga* foram os mais destacados em *Tieta do Agreste*. Isso nos leva a inferir que o processo de urbanização influencia na denominação. Ilhéus, à época da narrativa se notabiliza pela expansão do cacau, enquanto Sant`Ana do Agreste, uma cidade pacata, como escreveu: “Agreste não é São Paulo, é o cu do mundo parou no século passado. Aqui ou bem se é moça cabaçuda ou rapariga de porta aberta. (AMADO, 2000 p. 206). As denominações dadas ao item lexical *prostituta* corroboram com os dados do Atlas Linguísticos do Brasil, considerando que os emprego dos termos *prostituta, puta* e *rapariga* são recorrentes em todas as regiões do Brasil, conforme os dados analisados por Benke (2012).

3. O léxico de uma Língua

O léxico de uma comunidade de fala é formado pela junção dos diversos sistemas da língua: da fonética, da fonologia, da semântica, da sintaxe, da morfologia e da pragmática. Para estudarmos o léxico de uma língua, é necessário considerar todos os sistemas, sobretudo no que se refere ao uso. É nos usos em que as palavras apresentam sentido e significado, e a forma toma vida no processo sócio comunicativo da língua, O léxico é a parte da língua que primeiramente configura a realidade extralinguística e arquiva o saber linguístico de uma comunidade. As coisas são nomeadas a partir da realidade dos falantes e inseridas na sua mente, constituindo, dessa forma, seu acervo lexical. Como defende Vilela (1995), tudo antes de entrar na língua e na cultura dos povos, passa pelo léxico. O léxico é o repositório do saber linguístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo. (VILELA, 1995, p. 6).

Destacamos que os itens lexicais, a partir dos usos, evoluem semanticamente, assumem novos sentidos, perdem seu sentido prototípico. No se que se refere aos diversos itens lexicais empregados para o termo *prostituta*, percebemos que as palavras se ajustam à situação discursiva, considerando o contexto e os interlocutores. Apesar de os termos possuírem contiguidade semântica, apresentavam sentidos específicos, constituindo sinônimos contextuais.

Considerações Finais

A linguagem como objeto social nos proporciona conhecer as formações da vida no cotidiano e nas interações, sejam por meio de estruturas lexicais complexas ou as mais simples. Ao pretendermos analisar a linguagem na obra de Jorge Amado, era nosso interesse entender a riqueza lexical, principalmente os diversos itens lexicais com que denominavam as prostitutas, que formam um número significativo e inumerável de expressões populares presentes no repertório culturais das pessoas nas interações diárias. A linguagem amadiana, sobretudo no que se refere ao léxico precisa ser analisada numa perspectiva semântica, discursiva e pragmática.

Para Jorge Amado, o rótulo atribuído a ele como escritor de putas e vagabundos é positivo, pois ele se definia como um escritor sempre ligado ao povo e à gente simples:

Cada vez eu acredito menos nessa gente, cada vez estou mais perto do povo, do povo mais pobre, do povo mais miserável, explorado e oprimido. Cada vez, eu procuro mais anti-herói... Os vagabundos, as prostitutas, os bêbados. (AMADO, 1981, p. 54)

O léxico de Jorge Amado retrata a linguagem do povo, deu expressão literária à linguagem popular em que o povo é a fonte de tudo. Jorge Amado deu autenticidade à linguagem oral, não vacilou em quebrar os preconceitos. Nos tempos de perseguição e opressão à expressão do pensamento, Jorge Amado, munido de ousadia e consciência política, retratou fielmente os costumes, dando expressão literária às classes sociais marginalizadas. As palavras ditas obscenas estão presentes no acervo linguístico-cultural de um povo, retratando seus costumes, seu dia a dia e a forma de viver. Concluindo esse manancial linguístico que Jorge Amado concedeu às putas em suas obras, usamos o argumento de o pensamento de Érico Veríssimo, em entrevista a Lígia Fagundes Teles - *Manchete* - Rio, 11/4/1970 (*apud* TAVARES, 1982), falou acerca do palavrão: “Tortura é e sempre foi a coisa séria e importante do que essas imagens e palavras que se convencionou chamar pornografia. Mais ainda: a verdadeira pornografia, a legítima obscenidade é a maldade do homem contra o homem, a violência, a guerra, o genocídio.

Referências

ANDRADE, Tadeu Luciano Siqueira. A Obra de Jorge Amado: A realidade linguística das classes subalternas. A Língua na Literatura Brasileira – anais do VIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia – I Congresso Internacional de Estudos Filológicos e Linguísticos. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Vol. VIII, nº 11 -2006, p. 28-39.

ANDRADE, Tadeu Luciano Siqueira. As Frases Feitas em Gabriela, Cravo e Canela: um estudo léxico-semântico. In. Léxico e Semântica. VII Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Rio de Janeiro: UERJ, 2002, p. 50-62.

ANDRADE, Tadeu Luciano Siqueira. Tieta do Agreste, de Jorge Amado: um estudo léxico-semântico das frases feitas. In: anais do IX Congresso Nacional de Linguística e Filologia (2005): Rio de Janeiro: Universidade do Estado de Rio de Janeiro. Disponível em [http<www.filologia.org.br/ixcnlf/6/12.htm>>](http://www.filologia.org.br/ixcnlf/6/12.htm). Acesso em 20 mai. 2019.

AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela**: crônica de uma cidade do interior. Rio de Janeiro: Record. 2000.

AMADO, Jorge. **Tieta do Agreste**: Pastora de Cabras. Rio de Janeiro: Record. 2001.

AMADO, Jorge. **Literatura comentada**. GOMES, Álvaro Cardoso (org). Rio de Janeiro: Nova Cultural. 1981.

AMADO, Jorge. Discurso de Posse na Academia Brasileira de Letras. In: CURRAN, Marck. J. Jorge Amado e a literatura de cordel. Fundação Cultural do Estado da Bahia - Fundação Casa de Rui Barbosa. 1981.

BENKE, V. Tabus Linguísticos nas capitais do Brasil: um estudo baseado em dados geossociolinguísticos. 2012. 314 p. Dissertação (Mestrado em estudos da Linguagem). Departamento de Letras da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012.

CUNHA, Helena Parente. Jorge Amado - Escritor dos marginalizados. Revista **Veredas**. Ed. 5 – Porto Alegre, 2002. P. 67-79.

ELIA, Silvio. **Língua e Literatura**: São Paulo: Companhia Editoras Nacional, 1974.

LIMA, Luiz Soares de. Frases feitas, expressões e palavras populares ou regionais na obra de Gregório de Matos. In: Revista **Idioma**, ano XV 2º semestre de 1996: Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Instituto de Letras/Centro Filológico Clóvis Monteiro, p. 10-36.

SARAIVA Gumercindo. **A gíria brasileira dos marginais às classes de elite**. Belo Horizonte: Itatiaia. 1988.

TAVARES, Paulo. **O Baiano Jorge Amado e sua obra**. São Paulo: Record. 1982.

VILELA, Mário. **Estudos de lexicologia do português**. Coimbra: Almedina, 1994.